

MONSENHOR SALIM E O CENTRO DE CULTURA INTELECTUAL

Duílio BATTISTONI FILHO

Na história educacional campineira, ocupa um lugar de honra como pioneiro invulgar a figura maiúscula de monsenhor Dr. Emílio José Salim (1903-1968), cognominado mui justamente **Apóstolo da Educação**. Como humanista pode-se dizer que ele cedo aprendeu a admirar as obras-primas do engenho humano, desde os bancos escolares na sua pequenina terra natal, Sousas, Distrito de Campinas, e posteriormente no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. Na carreira eclesiástica, cursou inicialmente o Seminário Menor de Pirapora e depois o Seminário Maior de Campinas. Ordenou-se sacerdote a 16 de abril de 1927 em Roma, onde também se doutorou em Teologia pela Universidade Gregoriana.

Voltando ao Brasil, exerceu inúmeros cargos na Direção de estabelecimentos de ensino de diferentes graus e o magistério em Cursos Superiores, Eclesiásticos e Civis, dedicando-se ainda a incontáveis atividades culturais, educacionais, artísticas e religiosas, além de parouquiar durante três anos a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Campinas. Imbuído da doutrina de Santo Tomás de Aquino, sabia o padre Salim que o mestre não é homem de pura vida contemplativa, mas também voltado ao ensino dos jovens. Seguramente, jamais deixou de estar em contato com a juventude, primeiro como professor e depois como dirigente.

Em 1941, preocupado com a tarefa de repensar a cultura nacional, à luz da fé, iniciou gestões com o padre jesuíta Leonel Franca, no sentido de se fundar uma Faculdade de Filosofia, semente da hoje Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Paralelamente às suas atividades de professor e educador, deixou uma obra significativa em revistas, jornais e livros ao abordar temas históricos, teológicos e educacionais. Cabe ressaltar aqui o seu notável livro **Ciência e Religião** escrita em 1934 em dois volumes e prefaciado pelo padre Leonel Franca. O primeiro volume denominado - **Apologia da Espiritualismo** - tornar-se-ia uma espécie de livro-de-cabeceira da intelectualidade campineira e brasileira, adotado como livro-texto em muitos Seminários e Escolas. O segundo, denominado - **Apologia do Cristianismo** - representou uma vibrante e erudita defesa da Igreja Católica¹.

ORIGENS DO CCI

A situação da Igreja Católica brasileira nas primeiras décadas deste século não era das melhores, principalmente no campo ideológico-político com o avanço das idéias republicanas, das idéias liberal-maçônicas, das idéias da Revolução Francesa, do Positivismo e do anticlericalismo. "O povo foge da Igreja" já dizia Antonio Alvares Lobo, solerte jornalista nas páginas de um jornal campineiro.²

Preocupado com esta situação, o cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, em suas cartas pastorais, enaltecia a importância do intelectual católico como guardião da Igreja. Por isto, aprovava a fundação do Centro D. Vital, em 1922, obra do pensador Jackson de Figueiredo. Tal instituição estenderia sua influência através de tarefas políticas como a LEC (Liga Eleitoral Católica) e tarefas pedagógicas, como a Associação dos Professores Católicos³.

Quando o padre Salim retorna a Campinas, depois de sua ordenação sacerdotal, em princípios de 1928, o programa da Igreja Católica de Campinas tinha sido definido no Sínodo daquele ano, que

(1) Dados biográficos extraídos da revista da Universidade Católica de Campinas, nº 31, abril de 1969, número especial, dedicado a monsenhor Salim, por ocasião de seu falecimento.

(2) O Mensageiro, 1/05/1911.

(3) Beozzo, José Oscar, A Igreja entre a Revolução de 1930 e a Redemocratização. in: Fausto Boris e outros. História Geral da Civilização Brasileira. Brasil Republicano, S. Paulo, Difiel, 1984, vol. 3, p. 299.

privilegiava a assistência social e o ensino religioso com a importação de congregações estrangeiras⁴.

É interessante observar que a preocupação da Igreja era ocupar todas as áreas da cidade, e a criação do Colégio Ave Maria, em 1930, exemplificaria esta situação. As irmãs franciscanas foram chamadas a Campinas com a finalidade expressa de abrir um Colégio provido de ensino religioso sistemático. Foram chamadas para "difundir as luzes da fé e a educação religiosa"⁵.

Foi neste clima que o padre Salim fundou oficialmente⁶ o Centro de Cultura Intelectual a 15 de agosto de 1931, preocupado que estava em formar uma classe dirigente católica. Seu propósito era reunir professores, profissionais liberais, estudantes, funcionários públicos e o público em geral, dando-lhes oportunidade de aparecer através de afirmações ruidosas. Lendo o noticiário da entidade na época, chamamos a atenção a luta em prol da **Ação Católica** e a ofensiva contra a laicização do ensino, como veremos adiante. Tal iniciativa empolgou a elite campineira, pois via nela uma oportunidade de debater idéias e mobilizar as pessoas em defesa da ordem religiosa.

O CCI tinha por objetivos: reunir o professorado católico campineiro, fornecer ao público uma sólida formação religiosa com base científica e filosófica, e por último, proporcionar às mulheres a oportunidade de encontros, já que outras associações, por puro preconceito, muitas vezes lhes negavam tal participação.

O ato inaugural contou com a presença do Exmo e Revdmo D. Francisco de Campos Barreto, estimado bispo diocesano, que benzeu todas as instalações do prédio que funcionava na rua Barão de Jaguará, 1283. Este, em sua alocução, pedia aos sócios que não se contentassem somente em reter os sábios ensinamentos que ali iriam usufruir, mas que pensassem nos gestos filantrópicos, na caridade, "pois só assim fazendo colocaríamos barreiras aos erros hodiernos e salvaguardar a família e a pátria brasileiras"⁷. Logo a seguir o padre Salim, em rápidas palavras, comenta os fins e utilidade do CCI.

(4) Benedetti, Luiz Roberto. Os Santos Nômades e o Deus estabelecido. São Paulo, Edições Paulinas, 1983, p. 154.

(5) Dados Históricos sobre o Instituto Ave Maria. Exemplar mimeografado, 1980, p. 1.

(6) O Centro já vinha funcionando provisoriamente desde junho.

(7) A Tribuna, 22/08/1931

A primeira sessão inaugural foi no Teatro Municipal com a conferência do Dr Antonio de Alcantara Machado que discorreu sobre o **Modernismo**. Foi saudado pelo Dr Lino de Moraes Leme.

A primeira diretoria do Centro ficou assim constituída: Presidente: José Ayrosa Galvão, Vice-presidente: Carlos Francisco de Paula, Secretário: Celso Ferraz de Camargo, Primeiro secretário: Ruth Dantas Villela, Segundo secretário: Ana Sampaio Freire, Tesoureiro: Benedito Rosa de Miranda, Orador: Dr Paulo Lobo, Conselho Fiscal: professores, Eugênio Zerbini, Benedita da Silva Costa e Joaquim Braga de Paula, Assistente Eclesiástico: padre Emílio José Salim, sem dúvida a alma do Centro, pelo seu empenho em abrir novos caminhos, estimular estudiosos e acima de tudo, dar alento criativo a tudo e a todos que o cercavam⁸.

O Centro mantinha um quadro associativo dividido em cinco categorias a saber: -efetivos (professores), correspondentes - (pessoas que residiam fora e se interessavam pelo Centro) - honorários - (pessoas merecedoras dessa homenagem) - beneméritos - (aqueles que contribuíam com uma importância pecuniária) e - assistentes - (pessoas não portadoras de diplomas acadêmicos e não exercendo nenhuma atividade no magistério)"

Algumas regalias eram proporcionadas aos sócios efetivos como assistência médica, odontológica, jurídica e farmacêutica. Para participar da entidade, os sócios assistentes teriam que se submeter aos Estatutos e ao estudo criterioso da Religião e Ciências como Filosofia, Sociologia, História e Literatura.

Os sócios inicialmente em número de 250 elegiam a Diretoria com um mandato de três anos e tinham que obedecer aos Estatutos, aos postulados da Igreja Católica e comungar pelo menos uma vez ao ano por ocasião da Páscoa dos Intelectuais. As reuniões da Diretoria eram realizadas na última segunda-feira de cada mês.

Iniciativa do padre Salim, como vimos, o Centro representou o segundo esforço (o primeiro foi o Centro de Ciências, Letras e Artes, fundado em 1901) bem sucedido para agremiar, na cidade, homens de

⁽⁸⁾ Foram também presidentes do CCI: Ernesto Kuhlmann, Gumercindo Guimarães e Aníbal de Freitas.

inteligência. Não se limitou a atividades religiosas mas em preservar a convivência social, as boas maneiras e a defesa de certos princípios político-sociais⁹.

Perdida, como se acha parte da documentação que diz respeito àquela organização, torna-se difícil levantar a lista completa de seus cursos. Entretanto, vasculhando a imprensa da época, especialmente A Tribuna, órgão oficial da Diocese, deparamos com alguns deles. O Corpo Docente era bastante heterogêneo. Na verdade, muitos destes mestres eram da própria cidade, contudo, abriram novos horizontes para um intercâmbio cultural, o que resultou numa importante troca de experiências para os seus membros. Percebemos que faltou a muitos destes mestres uma unidade de direção, de gosto e de disciplina mental que lhes desse a oportunidade de atuarem numa coluna cerrada, como componentes de uma escola. A heterogeneidade era flagrante também nos próprios cursos que incluíam desde Religião, Filosofia, História ...até Arte Culinária, Violão e Corte e Costura.

O CCI durou de 1931 a 1946 com breve interrupção por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932. Durante este período foram realizados muitos cursos. Sendo optativos, os estudiosos procuravam aqueles que mais lhes interessassem, através de programas previamente estabelecidos. Assim, os primeiros foram os de Cultura Religiosa (padre Salim), Cultura Pedagógica (Juvenal Wagner) e Cultura Artística (Olga Husmann). Pouco depois viriam os cursos de História, Português, Desenho, Filosofia do Comunismo, Declamação, Inglês, Francês, Arte Culinária, para citar alguns¹⁰.

Damos a seguir uma relação das disciplinas mais em evidência e seus respectivos professores: **Pedagogia** (João Toledo e Carlos A. Barbosa de Oliveira), **História** (Ernesto Kuhlmann e Ondina Villela), **Higiene** (Gumerindo Guimarães), **Inglês e Francês** (Max Farjallat), **Violão e Declamação** (Mary Buarque), **Português** (Benedito Sampaio), **Sociologia** (Emílio José Salim), **Astronomia** (João Lourenço Rodrigues), **Moral** (padre Luís Fernandes de Abreu), **Dogma** (padre José Nardini),

⁽⁹⁾ Correio Popular, 21/09/1931.

⁽¹⁰⁾ Em todos os cursos seria cobrada uma taxa sendo que os sócios teriam um desconto. Alguns cursos eram gratuitos. Obrigatoriamente seria realizada uma "discreta" prova escrita após o término deles. A partir de 1935 as pessoas que os frequentassem gozariam de um desconto de 50%.

Exegese da Bíblia (padre Agnelo Rossi), **Filosofia** (padres Agnelo Rossi e Hilário Ferraz Coelho), **Atualidade Jurídica** (Plínio Correia de Oliveira).

Além dos cursos propriamente ditos, o CCI promoveu a vinda de conferencistas. Só para citar alguns deles, tivemos entre nós: Dr. Antonio de Alcântara Machado (1931), Havin de Matos (1932), Dr. Manoel Victor de Azevedo (1932), Dr. Carlos A. Barbosa de Oliveira (1933 e 1934), João Toledo (1933), Dr. Antonio Cezarino (1933), Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira (1935, 1937, 1939, 1941), Plínio Correia de Oliveira (1936), Dr. Altino Arantes (1938), Dr. Borges Vieira (1939), Alceu Amoroso Lima (1939). Muitas destas conferências, devido ao grande afluxo de público foram realizadas no Teatro Municipal, no Clube Semanal de Cultura Artística e no salão do Centro de Ciências, Letras e Artes.

Dos cursos e conferências proporcionados pelo CCI dois professores se destacam como os seus maiores incentivadores: Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira e o padre Agnelo Rossi.

O Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira nasceu em Campinas em 1901. Fez o curso primário nesta cidade, estudou no Seminário Episcopal de Pouso Alegre, Minas Gerais, e completou os seus estudos secundários no Ginásio Diocesano Santa Maria de Campinas. Mais tarde ingressaria na Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco, onde se formaria em 1925.

Dentre as suas inúmeras atividades destacariamos: professor, jurista, jornalista, além de ocupar cargos relevantes como deputado federal por S. Paulo e também Secretário da Educação por este Estado.

Suas conferências no CCI marcaram época pelo sua imensa cultura e pelo vigor de suas teses. Os temas foram os seguintes: **O CCI no seu quarto aniversário** (1935), **Princípios básicos da Constituição de 10 de novembro de 1937** (1937), **O Bispo D. Nery** (1939) e **Cinqüentenário da Rerum Novarum** (1941).

Ataliba Nogueira escreveu bastante, tendo deixado numerosa obra de Direito e História (o seu livro sobre **Antonio Conselheiro e Canudos** é um belo estudo sobre este personagem).

Os últimos anos de sua existência exitosa, passou-as tranqüilamente na sua chácara na Estrada da Rhodia, Distrito de Barão Geraldo onde recebia os amigos para um **bate papo**. Faleceu em S. Paulo a 22 de outubro de 1983¹¹.

Outra figura exponencial do CCI e braço direito de cónego Salim foi o padre Agnelo Rossi. Natural de Joaquim Egydio onde nasceu em 1913. Depois de seus estudos primários, ingressou no Seminário Diocesano Santa Maria. Pouco depois faria seus estudos de Teologia na Pontificia Universidade Gregoriana de Roma onde se ordenaria sacerdote, em 1935, com a tese **Protestantismo no Brasil**¹².

Na volta ao Brasil muito ajudou o cónego Salim no CCI. Foram memoráveis os dois cursos dados por ele. O primeiro sobre **Iniciação Filosófica** (1945) e o segundo sobre Filosofia do Comunismo (1946)¹³, praticamente os últimos dados no Centro.

Sua participação na fundação das Faculdades Campineiras foi fundamental para que estas se transformassem depois na Pontificia Universidade Católica de Campinas.

Em 1956 foi sagrado bispo de Barra do Pirai, Estado do Rio de Janeiro. Pouco depois foi bispo de Ribeirão Preto e S. Paulo. Em 1965 foi elevado à púrpura cardinalícia pelo papa Paulo VI.

Na década de 70 foi chamado a colaborar no Vaticano desempenhando várias funções administrativas relevantes como, por exemplo, **Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos**. Visitou 98 países e foi um dos principais críticos da **Teologia da Libertação**, sempre apresentando documentos contra os **progressistas** da Igreja.

Faleceu a 21 de maio de 1995 em Helvetia, bairro de suíços, no município de Indaiatuba¹⁴.

⁽¹¹⁾ Lapa, José Roberto do Amaral. Ataliba Nogueira. Correio Popular, 17/11/1983.

⁽¹²⁾ O padre Agnelo Rossi teve um papel saliente como polemista contra o protestantismo vendo nele "uma heresia e uma variante "errada" do Cristianismo. Vide de sua autoria, Diretório Protestante no Brasil, Campinas, Tipografia Paulista, 1938.

⁽¹³⁾ Editado em 1947 pela Editora Vozes, de Petrópolis, como o mesmo título.

⁽¹⁴⁾ Costa, Maria Teresa. O menino esforçado que serviu seis papas. Correio Popular, 23/05/1995.

Os debates também foram o momento importante das atividades do CCI. A imprensa deu destaque àquele realizado em 1933 sobre **O papel da mulher fora de casa** coordenado pelo padre Salim. Atuaram como relatora, Ruth Villela e como defesa, Teresina F. Pares. Foram debatedores: Celso Ferraz de Camargo, Cesar Frazzato, Manoela Pousa, Olga Gurgel do Amaral e Lair Lefebre.

Em 1934 o Centro reúne seus cursos numa tentativa de se criar uma Faculdade de Ciências, Letras e Artes. A inauguração deu-se às 20 horas no Salão do Clube Semanal de Cultura Artística. O programa constou da abertura pelo presidente, Ernesto Kuhlmann e na segunda parte houve uma sessão litero-musical. Os primeiros cursos desta novel Faculdade eram compostos de: História do Brasil (Ernesto Kuhlmann), Sociologia (cônego Salim), Cultura Religiosa (padre Sebastião Pujol), Francês (Max Farjallat), Higiene do Trabalho (Gumercindo Guimarães).¹⁵

Entretanto, a Faculdade de Filosofia duraria até 1941, pois neste ano, o cônego Salim instalaria uma outra, muito mais organizada, em outro local, segundo as determinações do Ministério da Educação e Cultura. Devido ao novo empreendimento deixa o cargo de Assistente Eclesiástico do CCI passando-o para o padre Aniger Francisco Maria Mellilo¹⁶.

O CCI E A "ESCOLA NOVA"

Nos anos 30, a Educação, reservada tradicionalmente a uma pequena camada saída das classes dominantes, sofreria a pressão dos segmentos médios que reclamavam uma educação secundária mais democrática. Daí, o grupo conhecido como Escola Nova agrupado em torno dos educadores, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e outros, entra na batalha pela democratização do ensino. Através de um Manifesto reivindicavam a gratuidade e obrigatoriedade do ensino, sua laicidade, a co-educação e um Plano Nacional de Educação. Os católicos se opunham a esta corrente¹⁷ como deduzimos

⁽¹⁵⁾ A Tribuna, 24/02/1934.

⁽¹⁶⁾ A Tribuna, 26/06/1941.

⁽¹⁷⁾ Nesta ocasião, a Igreja tinha o monopólio do ensino, com cerca de 90%. Só a Diocese de Campinas contava com sete Colégios Secundários, oito jardins da infância e onze escolas primárias. Cf. Poliantéia do Cinquentenário da Diocese de Campinas - 1908-1958. Linográfica Editora, 1958, s. p.

do teor das conferências sobre Escola Nova realizadas no CCI e proferidas pelo monje beneditino, D. Havin de Matos em 1932 e pelo pedagogo João Toledo, em 1933. Estes educadores apontavam o perigo de que a interferência do Estado pudesse levar ao monopólio do ensino. As linhas mestras destas conferências eram o combate ao laicismo e a co-educação por ferirem princípios da filosofia educacional católica.

A "AÇÃO CATÓLICA" E O CCI

Após a promulgação da Constituição de 1934, criou-se um vazio na atuação política da Igreja, quando a Liga Eleitoral Católica perdera sua utilidade, mormente nos trabalhos do período eleitoral.

Em 1935 vai ser criada a **Ação Católica** que terá a tarefa de militância apostólica, formada por leigos em âmbito nacional, estabelecendo radical separação entre a esfera pública e a esfera privada da vida. Os leigos com um pé na instituição religiosa e com outro no mundo profano, através do trabalho profissional, ocuparam posição estratégica para estabelecer os primeiros contatos e implementar a presença da Igreja em áreas não atingidas pelo sagrado.

Nas grandes cidades, as transformações foram mais profundas. Aí criou-se um espaço não religioso, no mundo dos negócios, nas fábricas, no campo intelectual e político em que a **Ação Católica** encontra seu terreno privilegiado e onde os intelectuais recrutados para ela exercem função crucial.

Os anos de 1922 a 1935 foram ricos de iniciativa como a criação da revista **A Ordem e do Centro D. Vital, o surgimento de leigos e as figuras de D. Sebastião Leme e de Alceu de Amoroso Lima**. Tudo isso traria como conseqüências, muitas conversões e uma espontaneidade nas adesões¹⁸.

Logicamente que estas idéias teriam grande ressonância em Campinas a ponto da Ação Católica local contar com um jornal **Voz da Juventude** e uma livraria (Imaculada) especializada em livros religiosos, como também no CCI, mormente depois da conferência proferida pelo

⁽¹⁸⁾ Beozzo, José Oscar, A Igreja... op. cit. p. 323.

Dr. Altino Arantes, ex-presidente do Estado de S. Paulo sobre o tema **Ação Católica** realizada no Teatro Municipal, em 1938.

O cônego Salim convidaria também o intelectual católico, Alceu Amoroso Lima (1893-1983) para visitar o CCI em 1939 e que faria uma conferência para uma platéia lotada no Teatro Municipal de Campinas também sobre o mesmo tema.

Digna de menção foi a grande amizade que os unia a ponto de ambos manterem uma ativa correspondência e muitas vezes o Dr. Alceu, quando solicitado retornaria a Campinas, para palestras na Faculdade de Filosofia. Não nos esqueçamos que ele presidiu a **Ação Católica** de 1935 a 1945. No dizer de Antonio Carlos Villaça, "três movimentos o entusiasmaram: o movimento litúrgico, a renovação tomista e a **Ação Católica**. Oração, Inteligência, Ação"¹⁹

EVENTOS SOCIAIS

Não só de conferencias e cursos viveu o CCI, mas de sessões comemorativas quando era enorme a afluência de pessoas para participarem de momentos litero-musicais, festas natalinas, Páscoa dos Intelectuais, excursões e o tradicional chá semanal servido aos presentes.

As sessões litero-musicais eram muito concorridas, sempre a cargo da sra Elifas Chinellato, exímia pianista e grande divulgadora da música erudita onde os compositores clássicos se destacavam.

Por ocasião das festas natalinas o Centro não esquecia das pessoas pobres e necessitadas quando havia farta distribuição de brinquedos e agasalhos sempre sob a direção da sr^a Jandira Pacheco e Silva.

No dia 4 de outubro de 1937, no dia de S. Francisco, foi realizada uma homenagem ao bispo diocesano, D. Francisco de Campos Barreto, onomástico de S. Excia Redvma, com a inauguração de seu retrato pintado a óleo pelo artista Salvador Caruso.

⁽¹⁹⁾ Villaça, Antonio Carlos. Do Agnosticismo ao Catolicismo Militante, Suplemento Cultura do Estado de S. Paulo, 21/08/1983.

A 4 de dezembro deste mesmo ano houve uma sessão comemorativa da elevação de Campinas de Vila a Comarca, com números musicais a cargo do Conservatório Gomes Cardim.

Manifestações e palestras foram realizadas por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Carlos Gomes, em 1936, a morte do papa Pio XI, em 1938 e o Cinqüentenário da encíclica **Rerum Novarum** de Leão XIII, em 1941.

O CCI criou sua própria biblioteca e deve-se ressaltar a atuação de dois departamentos: Associação Feminina e Assistência ao Professor. Ambos foram responsáveis pela parte social da entidade, organizando excursões a diversas cidades brasileiras, debates mensais, espetáculos teatrais, como a comédia **O maluco nº 7** de Armando Gonzaga e o processo de Galileu Galilei, dentre muitos.

Em suma, eis aí algumas notas sobre o CCI que correspondeu plenamente às expectativas do público intelectual campineiro e que representou um marco na história cultural da cidade.